



## ARTIGOS

## Mapeamento afetivo da relação morador-comunidade em contexto de desapropriação do espaço

*Affective mapping of the resident-community relationship in the context of disappropriation of space*

*Mapeo afectivo de la relación residente-comunidad en el contexto de desapropiación del espacio*

**Fábio Pinheiro Pacheco<sup>1</sup>**

[orcid.org/0000-0003-4139-1506](https://orcid.org/0000-0003-4139-1506)  
[fabio.pacheco@uece.br](mailto:fabio.pacheco@uece.br)

**Zulmira Áurea Cruz Bomfim<sup>2</sup>**

[orcid.org/0000-0002-1874-8821](https://orcid.org/0000-0002-1874-8821)  
[zulaurea@gmail.com](mailto:zulaurea@gmail.com)

**Recebido em:** 25 maio. 2021.

**Aprovado em:** 26 abr. 2024.

**Publicado em:** 01 ago. 2025.

**Resumo:** O estudo realiza o mapeamento afetivo da relação morador-comunidade em situação de desapropriação do espaço. A apropriação do espaço é um processo pelo qual o indivíduo transforma o seu entorno, imprimindo suas marcas e, ao mesmo tempo, incorporando-o em seus âmbitos cognitivos e afetivos, utilizando-o como orientação de suas ações e definição de si próprio. A desapropriação, por sua vez, consiste em um processo de tornar a pessoa alheia aos espaços que lhe pertencem. Com a natureza qualitativa, utilizou-se o Instrumento Gerador de Mapas Afetivos (IGMA), aplicado a 17 moradores da Vila Vicentina, uma comunidade ameaçada de desapropriação, em Fortaleza, no Ceará. Os resultados apresentaram a prevalência das imagens afetivas de Agradabilidade, Pertencimento e Contraste. Concluiu-se que todos os indicadores despotencializadores da relação dos moradores com a comunidade dizem respeito à atual situação de ameaças; por outro lado, todos os aspectos potencializadores estão relacionados à relação pessoa-ambiente duradoura.

**Palavras-chave:** urbanização; integração social; problemas sociais; psicologia ambiental.

**Abstract:** The study performs the affective mapping of the resident-community relationship in a situation of expropriation of space. The appropriation of space is a process by which the individual transforms the environment, printing its marks and, at the same time, incorporating it in its cognitive and affective spheres, using it as a guide for its actions and definition of himself. Expropriation, in turn, consists of a process of making the person alien to the spaces that belong to him. With the qualitative nature, the Affective Maps Generator Questionnaire, was applied to 17 residents of Vila Vicentina, a community threatened with expropriation in Fortaleza, Ceará. The results showed the prevalence of affective images of Agreeableness, Belongingness and Contrast. In conclusion, it was observed that all non-potentiating indicators of the residents' relationship with the community relate to the current threat situation; on the other hand, all potentiating aspects are related to a lasting person-environment relationship.

**Keywords:** urbanization; social integration; social issues; environmental psychology.

**Resumen:** El estudio realiza el mapeo afectivo de la relación residente-comunidad en una situación de expropiación del espacio. La apropiación del espacio es un proceso mediante el cual el individuo transforma el entorno, imprimiendo sus marcas y, al mismo tiempo, incorporándolo en sus esferas cognitiva y afectiva, utilizándolo como guía para sus acciones y definición de sí mismo. La expropiación, a su vez, consiste en un proceso de alienar a la persona de los espacios que le pertenecen. Con carácter cualitativo, se utilizó el Instrumento Generador de Mapas Afetivos, aplicado a 17 vecinos de Vila Vicentina, comunidad amenazada de expropiación en Fortaleza, Ceará. Los resultados mostraron la prevalencia de imágenes afectivas de Agrado, Pertenencia y Contraste. En conclusión, se observó que los indicadores despotencializados de la relación



Este é um artigo de acesso aberto distribuído sob a licença [CC-BY 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/), que permite a cópia e redistribuição do material em qualquer formato e para qualquer finalidade, desde que a autoria original e os créditos de publicação sejam mantidos.

<sup>1</sup> Universidade Estadual do Ceará (UECE), Fortaleza, CE, Brasil.

<sup>2</sup> Universidade Federal do Ceará (UFC), Fortaleza, CE, Brasil.

de los residentes con la comunidad se relacionan con la situación actual de amenaza; por otro lado, los aspectos potencializadores están relacionados con la relación duradera persona-entorno.

**Palabras clave:** urbanización; integración social; problemas sociales; psicología ambiental.

A Psicologia Ambiental estuda as inter-relações entre o indivíduo e o ambiente físico e social, enfatizando os processos afetivos e cognitivos que emergem da forma como as pessoas sentem, pensam e vivenciam o ambiente (Moser, 1998). Com base em uma perspectiva transacionalista, entende-se que a Psicologia Ambiental não se restringe "a interação do indivíduo com o ambiente como um cenário em que um interfere no outro, mas põe em evidência o entorno como uma dimensão da identidade dos indivíduos, em que interagem fatores psicossociais, sociofísicos e histórico-culturais" (Bomfim, 2010, p. 154). Essa perspectiva teórica proporciona a compreensão do encontro do indivíduo com a cidade, uma leitura ética da construção e do envolvimento do indivíduo com o ambiente (Bomfim, 2010), sendo uma área de extrema importância para a análise e a discussão sobre processos de segregação socioespacial, como a desapropriação do espaço, vividos por moradores de comunidades pobres.

A apropriação do espaço é um processo pelo qual as pessoas, ao transformar os ambientes mediante suas ações, imprimem suas marcas e, ao mesmo tempo, incorporam-nos. Ao atribuir significados individuais e coletivos ao entorno, dotando-lhe de qualidades, as pessoas também passam a definir suas próprias identidades, e o ambiente passa, então, a ser uma referência fundamental nos processos cognitivos (tais como organização e orientação) e afetivos (tais como apego ao lugar e autoestima) na vida delas (Pol, 1996). A apropriação ocorre por dois processos principais, a saber: ação-transformação e identificação (componente simbólico) (Pol & Valera, 1999). Na ação-transformação, as pessoas agem ativamente no território, transformando-o para atender suas necessidades. Já no processo de identificação, as pessoas interagem, cognitiva e afetivamente, com o lugar, o que repercute na produção de uma identificação, diminuindo,

em parte, a necessidade de modificações no território.

Ao contrário da apropriação, a desapropriação pode ser compreendida como um processo de alienação na relação pessoa-ambiente (Pol, 1996). No âmbito jurídico, a desapropriação é concebida como um procedimento pelo qual o Poder Público, ou terceiros, mediante acordo com a Lei, retira a posse do dono de determinada propriedade sob a justificativa de necessidade, utilidade pública ou interesse social. A desapropriação configura um processo de fazer com que as pessoas não mais sintam que esses espaços lhes pertençam, tornando-as alheias ao entorno (Pol, 1996). Para o autor, a estrutura social atual busca, por meio das relações de poder, fazer com que poucos espaços sejam apropriados, por parte da população, diminuindo as implicações e mobilizações de defesas pelos espaços. Se as pessoas não se apropriam dos espaços e não os transformam em lugares significativos, elas não se mobilizam em sua defesa – com isso, os ambientes podem ser utilizados conforme os interesses de classes dominantes.

Pacheco, Martins e Bomfim (2020) discutem que as transformações decorrentes da desapropriação devem ser compreendidas para além dos âmbitos físicos e jurídicos, de posse da propriedade. Para os autores, a análise de tais processos deve ser baseada em aspectos: I) físicos, referente à construção e à localização geográfica do lugar; II) históricos, referentes aos costumes e às histórias presentes no ambiente; III) sociais, compreendendo quais e como são os modos de vida dos moradores, que ali vivem; IV) jurídico-políticos, compreendendo quais as relações de poder entre o espaço ameaçado de desapropriação e os interesses que o espaço desperta em outras camadas sociais, mais favorecidas economicamente; e V) socioafetivos, considerando que a vivência no lugar atua na construção do psiquismo das pessoas, produzindo relações afetivas, simbólicas, identitárias, etc.

Nessa perspectiva, os autores elegem a categoria afetividade (Sawaia, 2011) para nortear a compreensão das vinculações pessoa-comu-

nidade, com o intuito de identificar as origens das ações de desapropriação, explicar as suas determinações psicossociais e analisar as reverberações desse processo na construção da história individual e coletiva dos moradores. Concebe-se a afetividade como a integração entre: I) as emoções, como reações afetivas momentâneas, normalmente, com alguma manifestação biológica; e II) os sentimentos, como estados afetivos duradouros, podendo ser modificados, com o tempo (Sawaia, 2011). Com base em autores como Baruch de Espinosa, Lev Vygotsky e Agnes Heller, a afetividade atua como mediadora na constituição do psiquismo (Lane, 2006), dotando o indivíduo com a capacidade de transformar seus instintos na consciência, atribuindo-lhes significados, podendo aumentar e diminuir a sua potência de ação e as suas implicações psicossociais, no encontro com os outros e com as coisas (Sawaia, 2009).

Para Baruch de Espinosa (2010, p. 163), as afecções originam os afetos, pelos quais a "potência de agir é aumentada ou diminuída, estimulada ou refreada, e, ao mesmo tempo, as ideias dessas afecções". Com base nisso, Espinosa demonstrou como os afetos fazem parte do modo como os indivíduos pensam, julgam e agem, no mundo, desenvolvendo uma teoria de relações humanas de ética, com base na afetividade, concebendo os afetos como aquilo que colore a existência, tendo suas causas e efeitos tão dignos de atenção, quanto qualquer outra coisa natural (Gleizer, 2005).

Conforme Lev Vygotsky (2001), o pensamento não nasce de si mesmo, mas da atuação da motivação na consciência, que abarca as inclinações, as necessidades, os interesses, os impulsos, os afetos e as emoções. Compreende, assim, que "Por detrás de todos os pensamentos há uma tendência volitivo-afetiva, que detém a resposta ao derradeiro por que da análise do pensamento" (Vygotsky, 2001, p. 479).

Por fim, a teoria dos sentimentos de Agnes Heller traz importantes contribuições sobre a afetividade ao considerar as dimensões éticas e da vida social nas emoções (Sawaia, 2011). Para

Agnes Heller (2004, p. 15), os sentimentos são fundamentais na vida cotidiana, uma vez que "sentir implica estar implicado em algo", podendo esse algo ser qualquer coisa, como uma pessoa, a si mesmo, um conceito, um objeto, um sentimento ou, mesmo, outra implicação.

No plano dos estudos da relação pessoa-ambiente, a afetividade demarca a forma como as pessoas e os ambientes são mutuamente afetados. O ambiente provoca emoções e sentimentos, sendo a compreensão dessa afetividade um indicador de ação de como o habitante se implica na comunidade, na cidade e na sociedade, repercutindo em uma ética cidadã (Bomfim, Delabrida, & Ferreira, 2018). Valendo-se da categoria afetividade (Sawaia, 2009, 2011), Bomfim (2010) analisa o modo como o sujeito é afetado pelo ambiente, apontando a afecção como uma categoria de ação-mediadora e de transformação da consciência humana, podendo ser potencializadora ou despotencializadora. As afecções potencializadoras aumentam o poder de ação das pessoas, elevando a força de existir e de perseverar, no seu próprio ser; e as afecções despotencializadoras configuram-se como força de padecimento, que diminui a força do indivíduo, levando-o a passividade (Sawaia, 2009).

Para apreender os afetos da relação pessoa-ambiente, Bomfim (2010) desenvolve o Instrumento Gerador de Mapas Afetivos (IGMA), pelo qual, é possível elaborar mapas afetivos. Por meio desses mapas, pode-se captar a síntese socioafetiva do encontro do indivíduo com o lugar, seja ele a casa, o bairro, a cidade, etc. O mapeamento afetivo organiza as afecções em cinco imagens principais, a saber: Pertencimento, Agradabilidade, Insegurança, Destruição e Contraste.

A Agradabilidade remete-se à vinculação da pessoa com o lugar, em consequência das qualidades ambientais, as quais são sentidas como agradáveis pelas pessoas, produzindo sentimentos de prazer (Bomfim, 2010). Essa imagem afetiva dialoga com o conceito de apego ao lugar, que diz respeito ao modo como é estabelecida uma relação afetiva do indivíduo com o lugar,

passando a ter relação com a identidade da pessoa, ao mesmo passo que o próprio lugar passa a carregar também valores simbólicos de identidade pessoal e coletiva (Giuliani, 2004).

O Pertencimento diz respeito aos pensamentos, às ações e aos sentimentos que denotam a identificação da pessoa com os lugares (Bomfim, 2010). Essa imagem tem relação com a noção de identidade de lugar, compreendida como uma subestrutura da identidade delimitada pelas percepções cognitivas, afetivas e de pertencimento, sobre a interação do indivíduo com o entorno, físico e social, significativos para o indivíduo (Proshansky, 1978).

A imagem de Destruição, inversa à de Agradabilidade, evidencia experiências nas quais o ambiente é tido como degradado, malcuidado e destruído (Bomfim, 2010). A imagem de Insegurança, inversa a de Pertencimento, denota algo inesperado e instável, sobressaindo sentimentos de medo, insegurança e ameaça (Bomfim, 2010). Por fim, o Contraste compõe-se de sentimentos, emoções e palavras contraditórias, ambíguas, expressando vivências positivas e negativas, atribuídas simultaneamente ao ambiente (Bomfim et al., 2014).

A combinação entre essas imagens afetivas configura a estima de lugar, que se apresenta uma "forma específica de conhecimento, relativa ao aspecto de significado ambiental na dimensão de emoções e sentimentos sobre o ambiente construído" (Bomfim, 2010, p. 218), evidenciando o processo de apropriação, identificação e ação-transformação, por parte de seus habitantes. A Agradabilidade e o Pertencimento configuram uma estima potencializadora de lugar, aumentando a potência de ação do indivíduo, podendo denotar maior implicação psicossocial e participação cidadã do sujeito. Já as imagens de Destruição e de Insegurança refletem uma estima despotencializadora de lugar, gerando uma potência de padecimento no sujeito, em que vivências negativas o levam a implicar-se negativamente com o ambiente e à servidão. O Contraste é uma imagem transversal às demais, por denotar que as pessoas, no ambiente, po-

dem afetar-se dubiamente, ao mesmo tempo, podem direcionar-se tanto para uma estima potencializadora como despotencializadora de lugar (Bomfim et al., 2014).

Diante disso, este trabalho objetiva realizar o mapeamento afetivo da relação morador-comunidade em situação de desapropriação do espaço. O trabalho não se restringe à compreensão física-jurídica do processo (ameaças) de desapropriação da comunidade, mas apreende, também, as dinâmicas afetiva e social, presentes nesse contexto, dando suporte para uma leitura contextualizada sobre o fenômeno, com base na vivência de quem ali vive.

Tendo isso em vista, este estudo se volta para a análise do caso de desapropriação da comunidade Vila Vicentina da Estância, em Fortaleza, no Ceará. Conhecida, também, como Vila Cinzenta, ela remonta da primeira metade do século XX, tendo sua história ligada ao desenvolvimento do bairro onde está situada, Dionísio Torres, e a consequente expansão do espaço urbano de Fortaleza (Duarte, 2017). A história da vila começa em 1938, quando o terreno onde as casas foram construídas foi doado pelo farmacêutico Dionísio Torres, para uma sociedade beneficente, com o intuito de ajudar viúvas pobres e/ou retirantes da seca, a terem um lar, para se fortalecerem e continuarem com suas vidas, superando as adversidades da pobreza (Albuquerque, 1980). Com o passar dos anos, as viúvas foram morrendo, porém, seus filhos permaneceram na comunidade, dando continuidade à linhagem familiar.

A comunidade é formada por 45 edificações, sendo 44 residências de paredes conjugadas com frentes para a rua e fundos para um quintal comunitário; e uma capela (Instituto de Planejamento de Fortaleza [Iplanfor], 2020). Em 2016, três casas foram demolidas e cinco destelhadas; e os moradores, que permanecem no lugar, vêm recebendo ameaças de desapropriação, por parte da instituição beneficente, que alega ter a posse do terreno e pretende vender para o setor imobiliário. Além de estar localizada em uma área de alto Índice de Desenvolvimento Humano (0,860), sendo o terceiro melhor de Fortaleza,

essa comunidade está situada em uma Zona Especial de Interesse Social (ZEIS), um instrumento previsto pelo Estatuto da Cidade, para combater a segregação socioespacial. Essa ZEIS aparece no Plano Diretor de Fortaleza desde 2009, no entanto, a área ainda não foi regulamentada e, por atrair os interesses do setor imobiliário, corre o risco de remoção (Duarte, 2017).

Nesse contexto, a (des)apropriação do espaço traz uma explicação que extrapola a compreensão funcional e comportamental da relação pessoa-ambiente, pois contribui, também, para a compreensão dos processos sociais urbanos. A esse respeito, Pol (1996) aponta que, quando se está por fazer uma intervenção urbana, deve-se compreender que a transformação do espaço pode apresentar diversas implicações, podendo, ou não, ser integrada aos referentes compartilhados pelas pessoas. Quando a intervenção é integrada, os moradores tendem a reformular suas identidades e englobam as transformações dos lugares aos significados individuais e coletivos. Por outro lado, quando as transformações não são integradas pelos moradores, podem gerar conflitos. No caso da vila, os moradores organizaram o movimento Resistência Vila Vicentina, por meio do qual realizam atividades na comunidade a fim de conseguir visibilidade para a sua causa e criar estratégias de enfrentamento da situação. As atividades têm sido exitosas, tanto no alcance de mecanismos legais de defesa do direito à cidade como na participação em outros movimentos sociais que lutam pela permanência na cidade (Gondim & Rocha, 2019).

## Método

Trata-se de um estudo qualitativo, realizado com 17 moradoras/es (14 mulheres e 03 homens, com idades entre 25 e 81 anos) da Vila Vicentina, em Fortaleza/CE. Na comunidade, há 15 famílias que resistem à desapropriação, desse modo, as/os participantes foram selecionadas/os de forma que cada família tivesse uma/um representante (em duas famílias diferentes, marido e esposa quiseram participar, por isso, há 17 participantes).

O estudo seguiu todas as diretrizes de pesquisa com seres humanos, obtendo a aprovação do Comitê de Ética, com todas/os as/os participantes tendo assinado o Termo de Consentimento Livre Esclarecido (TCLE). As/os participantes são mencionadas/os por nomes fictícios, atribuídos pelas/os próprias/os participantes. Para o levantamento das informações, foi utilizado o Instrumento Gerador de Mapas Afetivos (IGMA), que consiste em um método de coleta e de análise de dados que usa, como síntese interpretativa, a comparação entre imagens e linguagens obtidas por meio de desenhos, metáforas e linguagem escrita (Bomfim et al., 2014).

Inicialmente, a/o participante é convidada/o a desenhar a sua forma de ver, sentir e representar o ambiente onde vive. Após o desenho, é solicitado, a/o participante: a) Explique, brevemente, qual o significado do desenho para você; b) Descreva os sentimentos que o desenho te desperta; c) Escreva seis palavras que resumam seus sentimentos em relação ao desenho; d) Caso alguém te perguntasse o que pensa da vila, o que você diria?; e e) Se você tivesse que fazer uma comparação entre Vila Vicentina e algo, com o que você a compararia? E por quê?

As respostas atribuídas pelas/os participantes são organizadas em um quadro categorial, próprio de análise (Figura 1) e, posteriormente, é realizada uma análise de conteúdo, pela qual é possível obter indicadores, com os quais se pode fazer inferências para a construção de conhecimentos com base em conteúdos presentes, explícita e implicitamente, na produção e na recepção da comunicação, sobre o fenômeno estudado (Bardin, 1977).

Com a análise e a interpretação das respostas, obtêm-se mapas afetivos que expressam os sentimentos e as emoções (afetividade), bem como a implicação psicossocial do indivíduo em relação a um determinado ambiente de sua realidade (Bomfim, 2010). A Figura 1 apresenta a organização das informações dadas pelas/os respondentes, as quais, com base na análise e na interpretação, configuram o Mapa Afetivo:

**Figura 1** Modelo de Quadro de Análise dos Mapas Afetivos

IDENTIFICAÇÃO:			
<b>Nome: Sexo: Idade:</b> <b>Escolaridade: Tempo de residência:</b>			
SIGNIFICADO:	QUALIDADE:	SENTIMENTOS:	METÁFORA:
Explicação do respondente sobre o desenho.	Atributos do desenho e da cidade, apontados pelo respondente.	Expressão afetiva do respondente ao desenho e à cidade.	Comparação da comunidade/cidade com algo pelo respondente, que tem como função a elaboração de metáforas.
Espaço para colar o desenho realizado pelo participante da pesquisa.  <b>Estrutura:</b> Se o desenho é cognitivo (ênfase na estrutura física), ou metafórico.		SENTIDO:	
		Interpretação dada pelo investigador à articulação de sentidos entre as metáforas da cidade e as outras dimensões atribuídas pelo respondente (qualidade e sentimentos).	
<b>Imagem:</b> Imagem afetiva resultante da análise qualitativa.			

Fonte: Modelo de Mapa Afetivo elaborado com base em Bomfim (2010).

Como apresentado, o IGMA categoriza os dados em cinco imagens afetivas principais, a saber: Pertencimento, Agradabilidade, Insegurança, Destruição e Contrastes. A combinação entre essas imagens configura a Estima de Lugar (Bomfim, 2010), que deflagra a síntese do encontro do indivíduo com o território, expressando a afetividade e a implicação decorrente dessa inter-relação.

### Resultados e discussão

Com o mapeamento afetivo, foi possível apreender os afetos dos moradores da vila, categorizando-os em três imagens, a saber: Agradabilidade (01), Pertencimento (02) e Contrastes (14). A seguir, são apresentados os resultados, discutindo suas configurações no contexto em que se situa a comunidade.

### Agradabilidade

A imagem de Agradabilidade apareceu somente em um mapa afetivo (Figura 2). Essa categoria se refere a sentimentos de vinculação ao ambiente, decorrentes da percepção de qualidades ambientais, sejam construídas ou naturais, revelando os sentimentos e as características percebidas como prazerosas, pelos moradores de determinado lugar, tais como as sensações de comodidade e/ou de beleza (Bomfim, 2010).

Figura 2 Mapa Afetivo de Luciana

IDENTIFICAÇÃO:			
<p><b>Nome:</b> Luciana <b>Sexo:</b> F <b>Idade:</b> 55 anos.  <b>Escolaridade:</b> Ensino Médio completo. <b>Tempo de residência:</b> 25 anos.</p>			
SIGNIFICADO:	QUALIDADE:	SENTIMENTOS:	METÁFORA:
A vila.	Um bom lugar para se morar, não tem violência e as pessoas são amigas.	Paz; tranquilidade; felicidade; segurança. Sinto-me bem aqui, não sinto medo de morar na vila e tenho amizades.	Um paraíso, porque tem boa localização, é perto de tudo, é perto do meu trabalho, de supermercado, do colégio onde estudo (Santo Inácio).
		SENTIDO:	
<p><b>Estrutura:</b> Cognitiva.</p>		<p><b>A Vila "Paraíso I"</b> é um lugar <b>agradável</b>, que dispõe de uma localidade que facilita o acesso a tantos outros locais (supermercado, trabalho, escola, etc.). Nesta comunidade, os moradores estabelecem relações de amizade que repercutem em uma sensação de paz, tranquilidade e segurança, sentimentos que aumentam uma <b>estima potencializadora de lugar</b> capaz de enfrentar as situações que ocasionam o medo de sair da vila.</p>	
<p><b>Imagem:</b> Agradabilidade.</p>			

Fonte: Dados da pesquisa.

O apego ao lugar (Giuliani, 2004) é um elemento característico da imagem de Agradabilidade, por apresentar um caráter funcional, por meio do qual o lugar adquire um papel relevante de atração do indivíduo, encorajando ou inibindo-o, em seus movimentos, e interferindo no modo como as pessoas agem ali. Na organização espacial da vila, os moradores dividem um quintal comunitário, arborizado, ventilado e com ambientes de uso coletivo, como o campinho de futebol e a pequena pracinha. Ademais, a comunidade conta com uma pequena capela, onde são realizados eventos religiosos, reuniões, atividades comunitárias e festividades.

Destaca-se que a imagem de Agradabilidade está também relacionada às possibilidades de

atração que os ambientes proporcionam, quando "estes são percebidos como capazes de suprir as necessidades funcionais dos sujeitos, como por exemplo, as oportunidades de trabalho, cultura, educação, interação, entre outros" (Bomfim, Feitosa, & Farias, 2018, p. 460). Tais características foram marcantes no Mapa Afetivo de Luciana, expressas pela metáfora da respondente: "[Compararia a um] Paraíso, porque tem a localidade boa, perto de tudo, perto do meu trabalho, supermercado, o colégio em que estudo" (Figura 2).


Por outro componente do IGMA, relacionado aos lugares onde os moradores costumam frequentar, levantou-se os atrativos percebidos no entorno da comunidade, que foram organizados em duas categorias, a saber: I) Equipamentos Bá-

sicos, que corresponde aos lugares e/ou serviços, públicos ou privados, tais como supermercado, unidades de saúde, farmácias, trabalho, transporte e escolas; e II) Equipamentos de Entretenimento, consistindo nos lugares que os moradores mais frequentam, no momento de lazer, tais como igrejas, shoppings, praças e espaços da própria comunidade. Tais atrativos fortalecem a vinculação dos moradores com a vila, estreitam as relações comunitárias e possibilitam que os moradores se apropriem e transitem pela cidade, usufruindo de serviços de saúde, educação e lazer.

### Pertencimento

Na vila, duas moradoras construíram mapas afetivos de Pertencimento. Nesta imagem, há a expressão de sentimentos, de emoções e de palavras que denotam a identificação do indivíduo com o lugar, revelando aspectos da identidade, do apego e da amorosidade aos lugares e aos demais moradores; além de expressar relações familiares (Bomfim, 2010). Tais características podem ser observadas no Mapa Afetivo de Capitã (Figura 3):

**Figura 3** Mapa Afetivo de Capitã

IDENTIFICAÇÃO:			
<p><b>Nome:</b> Capitã <b>Sexo:</b> F <b>Idade:</b> 59 anos.  <b>Escolaridade:</b> Ensino Médio completo. <b>Tempo de residência:</b> 22 anos.</p>			
SIGNIFICADO:	QUALIDADE:	SENTIMENTOS:	METÁFORA:
<p>Esse desenho representa todo o meu sentido de pertencimento a este local, expressando todas as formas de sentimento que possuo em relação a ele.</p>	<p>Eu moro no céu, estando aqui na terra. Morar na vila, para mim, é o mesmo que ter ganhado na Mega Sena, sem que eu tenha recebido nenhum valor em dinheiro.</p>	<p>Força; fé; resistência; esperança; união; paz; luz; vitória; céu; proteção; segurança; amizade.</p>	<p>Com a vila onde nasci e morei, durante 37 anos, e da qual só sai pela força das circunstâncias. Lá, sentia-me muito feliz, protegida e amparada.</p>
		SENTIDO:	
<p><b>Estrutura:</b> Cognitiva.</p>		<p><b>A Vila de "Infância"</b> é um pedaço do céu na terra, no qual a moradora <b>pertence</b>, que proporciona sentimentos de união, paz e proteção. Com base na configuração de uma <b>estima potencializadora de lugar</b>, tem-se a implicação engajada da moradora na construção de uma resistência, a fim de alcançar a vitória pela permanência na comunidade.</p>	
<p><b>Imagem:</b> Pertencimento.</p>			

Fonte: Dados da pesquisa.


O Pertencimento está fortemente relacionado à apropriação do espaço (Pol, 1996), a identidade de lugar (Proshansky, 1978) e o sentimento de comunidade (McMillan & Chavis, 1986), que atuam na definição da identidade pessoal e comunitária. O pertencimento e a identificação do morador com o lugar envolvem sentimentos, crenças e expectativas relacionadas ao compartilhamento de boas relações grupais (McMillan & Chavis, 1986), como apontado no Mapa Afetivo de Zezé: "Todo mundo é amigo, tem confiança. Boa vizinhança, melhor lugar pra morar, calmo. Tive minhas filhas aqui, minha vida aqui". No caso da vila, o forte sentimento de pertencimento e sua consequente estima potencializadora de lugar favorecem o engajamento ativo por parte das moradoras, no

movimento de resistência, pois passam a acreditar que "ela [a vila] não vai ser vendida, que vai ficar aqui para nós [moradores]" (Mapa Afetivo da Zezé). Com efeito, lutam com "força", "união", resistência" para alcançar a "vitória" (Palavras retiradas do Mapa Afetivo de Capitã (Figura 3)).

### Contrastes

A imagem afetiva de Contrastes se destacou na comunidade, aparecendo em 14 mapas afetivos. Essa imagem é caracterizada por palavras que expressam sentimentos, emoções, percepções e vivências contraditórias, ambíguas, revelando uma polarização entre avaliações negativas e positivas em relação ao lugar (Bomfim, 2010), como pode ser observado no Mapa Afetivo de Cida (Figura 4):

Figura 4 Mapa Afetivo de Cida

IDENTIFICAÇÃO:			
<p><b>Nome:</b> Cida <b>Sexo:</b> F <b>Idade:</b> 44 anos. <b>Escolaridade:</b> Ensino Fundamental completo. <b>Tempo de residência:</b> 17 anos.</p>			
SIGNIFICADO:	QUALIDADE:	SENTIMENTOS:	METÁFORA:
<p>Este desenho significa a minha moradia. Nele, representei toda a comunidade.</p>	<p>Penso que é um lugar muito bom para morar, seguro e todo mundo se conhece. Saio para trabalhar e posso deixar os meninos, não temos nenhum problema. É o melhor lugar do mundo.</p>	<p>Alegria, porque continuamos aqui; tristeza, pelas casas derrubadas; medo, pelas remoções; insegurança, porque não está muito segura; força, pela ajuda das pessoas; receio; felicidade; contentamento; esperança; medo.</p>	<p>Acho que não comparo essa vila, não. Penso que não tem comparação com outro lugar. Mesmo que me oferecessem para ir morar à beira-mar, eu continuaria aqui.</p>
		<p><b>SENTIDO:</b></p> <p>A Vila "Incomparável I" é uma comunidade de <b>contrastes</b>, onde, por um lado, a moradora vive momentos de medo, insegurança e tristeza, ocasionados pelo receio de que a comunidade seja removida. Por outro lado, a felicidade e a confiança, presentes nas relações com os vizinhos, <b>potencializam sua estima de lugar</b>, fortalecendo sua implicação positiva para com a resistência.</p>	
<p><b>Estrutura:</b> Cognitiva.</p>			
<p><b>Imagem:</b> Contrastes (Pertencimento x Insegurança).</p>			

Os Contrastes podem ser: I) despotencializadores, quando os sentimentos negativos culminam no aprisionamento e/ou na passividade das pessoas; ou II) potencializadores, em que os sentimentos e as emoções negativas são utilizados como incremento da potência de ação, assim, "mesmo com sentimentos ambivalentes, [os Contrastes] levam a uma solução para o enfrentamento do problema", tornando os sujeitos participativos (Bomfim et al., 2014, p. 145). Desse modo, as imagens de Contrastes são dialeticamente construídas em um processo em que é possível a movimentação dos afetos em direção a uma implicação de emancipação. Ou seja, os indicadores negativos, na imagem de Contrastes, podem ser transformados, por meio de investimentos, em intervenções psicossociais, que envolvam a apropriação do espaço e de afetos de prazeres e de pertencimento ao lugar, culminando em uma estima potencializadora de lugar (Bomfim et al., 2018).

Em decorrência da prevalência da imagem de Contrastes nos mapas afetivos da Vila Vicentina, observou-se que todas as vivências potencializadoras que os moradores relataram sobre a vila tinham um caráter temporalmente duradouro, com referências aos momentos de chegada à vila, à construção da família, às relações comunitárias ao longo dos anos e às transformações ocorridas na comunidade e nos arredores, etc. Por outro lado, as experiências negativas relatadas expressões de sentimentos, emoções e ações com base no medo, abandono, na insegurança e na percepção da comunidade como "feia" e "destruída" –, em sua maioria, estavam relacionadas às atuais ameaças de remoção, incrementadas, principalmente, pela demolição de algumas casas.

Tendo em vista essa situação, os indicadores afetivos, presentes nas imagens Contrastes, foram decompostos para o aprofundamento de como essa imagem é configurada na vila. Heller (2004) aponta a possibilidade de uma mesma situação comportar elementos de imagens afetivas opostas. Conforme a autora, "sentir significa estar implicado", sendo essa implicação, parte inerente do pensamento e da ação humana (Heller, 2004, p. 21). A implicação pode voltar-se tanto para si própria, como também pode ser direcionada


para algo (pessoa, objeto, sentimento, etc.) que a ocasionou, ou seja, o foco da consciência, ou está na implicação, em si, ou em algo em que se está implicado. Conforme o foco de nossa consciência se organiza, o sentimento (implicação) pode ocupar o lugar de figura ou de fundo (Heller, 2004).

No contexto desta pesquisa, percebeu-se que os afetos mais circunstanciais concebem a figura, por evocar o foco da consciência para o momento. Já os afetos mais duradouros configuram o fundo, podendo, ou não, ser o foco da consciência, em determinados momentos. Cabe, ainda, salientar a indispensabilidade do papel do fundo para a organização da figura, uma vez que "não há solução normal de problemas, seleção de meios, percepção nem pensamento sem uma implicação no plano de fundo" (Heller, 2004, p. 26).

Com essa perspectiva, as imagens de Contrastes passaram a ser analisadas por meio dos sentimentos e das emoções, que estão no: I) plano de fundo (fundo), configurando as vivências que evocam afetos mais duradouros, ou seja, os afetos que se relacionam às vivências dos moradores com a vila, antes das ameaças de remoção; e os afetos de II) plano de frente (figura), que decorrem do momento das ameaças de remoção, ou seja, caracteriza-se pelos sentimentos, pensamentos e ações que se colocam como foco da consciência dos moradores, no contexto atual. Em síntese, os Contrastes, neste estudo, constroem-se pelos afetos do plano de frente, enquanto a expressão da atual situação da ameaça de remoção (atuando na construção, inclusive, de ações mais urgentes) se contrapõem aos afetos mais duradouros, na vivência com a comunidade, que caracterizam o plano de fundo.

Com esse aprofundamento, 09 dos 14 mapas afetivos com imagem de Contrastes apresentaram indicadores das imagens de Pertencimento e Insegurança. Nesse caso, a imagem de Insegurança é concebida como o inverso de Pertencimento (Bomfim, 2010), expressando os sentimentos de medo, de insegurança e de ameaça, cujas vivências podem levar à ansiedade quanto à permanência do morador, no lugar. Tais características foram apontadas no Mapa Afetivo de Filho (Figura 5):

Figura 5 Combinação de Contrastes: Insegurança x Pertencimento

IDENTIFICAÇÃO:			
<p><b>Nome:</b> Filho <b>Sexo:</b> M <b>Idade:</b> 37 anos. <b>Escolaridade:</b> Pós-graduação. <b>Tempo de residência:</b> 37 anos.</p>			
SIGNIFICADO:	QUALIDADE:	SENTIMENTOS:	METÁFORA:
<p>O desenho significa a vila, onde existem diversos corações, que são as pessoas que amam a vila. Do outro lado, as pessoas que amam o dinheiro. No meio, a justiça, que observa os acontecimentos e nada faz. De um lado da balança existem os que amam a vila e, de outro, os que querem destruir a vila.</p>	<p>A vila seria um paraíso aqui na Terra. Não conheço lugar melhor para morar.</p>	<p>Segurança, ao saber que moro na vila; insegurança, ao saber que existe uma força oculta agindo contra a tranquilidade de nossa moradia; existência; coragem; luta; acolhimento; amizade; proteção.</p>	<p>A vila se resume a uma casa grande, onde existe a união de várias famílias, em um só lugar, que se compara a um lugar feliz.</p>
		<p><b>SENTIDO:</b></p> <p>A Vila "Casa Grande" tem sido cenário de disputas <b>contrastantes</b>, onde são encontradas pessoas que buscam romper as relações amorosas entre os moradores, a fim de destruir a comunidade, causando inseguranças que culminam em uma <b>estima despoticizadora de lugar</b>. Porém, há outras pessoas corajosas na luta de resistência, almejando preservar a vila, como um lugar de acolhimento e proteção, que se revela nas relações de amizade.</p>	
<p><b>Estrutura:</b> Metafórica.</p>			
<p><b>Imagem:</b> Contrastes (Pertencimento x Insegurança).</p>			

Fonte: Dados da pesquisa.

Importante destacar como o Mapa Afetivo de Filho corrobora com os estudos anteriores de Bomfim (2010, p. 210), ao apresentar, em seus contrastes, a caracterização das "duas faces da globalização: de um lado, a expressão de sociedades informacionais e de tecnologia de ponta; de outro, a exclusão configurada na segregação socioespacial e na polarização social". Essa polarização foi também salientada no Mapa Afetivo de Marília, quando a moradora afirma que "Aqui era um deserto e agora só tem barão, e eles não querem a vila aqui. Rico não gosta de pobre, só quer ficar perto de rico".

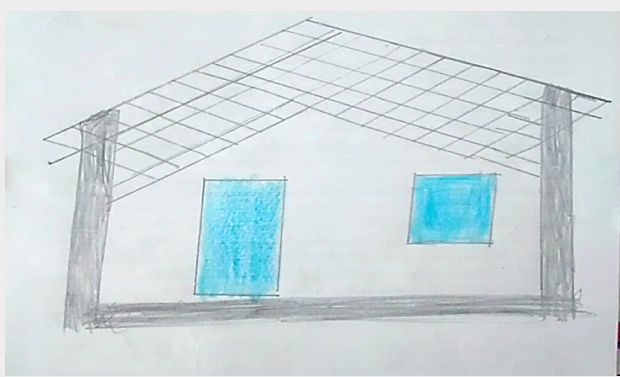
Os outros mapas afetivos (05) apresentaram, em seus contrastes, os indicadores das ima-

gens afetivas de Destruição e Agradabilidade. Inversamente à imagem de Agradabilidade, a Destruição evidencia experiências despoticizadoras, pelas quais as pessoas relatam percepções e vivências sobre um ambiente desagradável, degradado, malcuidado, destruído, cujas relações são também conflitantes e desgastadas (Bomfim, 2010). Tais percepções podem despertar nojo, raiva, indignação, vergonha, sentimento de humilhação, etc. (Bomfim et al., 2018). Os indicadores de Agradabilidade (plano de fundo) foram expressos pelos moradores por meio da percepção de uma comunidade tranquila, de boa moradia e com boas relações de vizinhança, como os apontados por Patrícia, em

seu Mapa Afetivo: "É uma moradia maravilhosa. Você pode dormir tranquila, não tem briga, não tem mal querência com os vizinhos". Por outro lado, essas experiências agradáveis, no contexto atual, encontram-se ameaçadas, principalmente, pela efetivação de avarias em oito casas da vila,

lembrado recorrentemente pelos moradores da comunidade, os quais passaram a ver a vila como um lugar "Feio", "Terrível", "Abandonado", "Desmoronando", configurando, como plano de frente, a imagem de Destruição, como se observa, com base no Mapa Afetivo de J. (Figura 6):

**Figura 6** Combinação de Contrastes: Destruição × Agradabilidade

IDENTIFICAÇÃO:			
<p><b>Nome:</b> J. <b>Sexo:</b> M. <b>Idade:</b> 67 anos.  <b>Escolaridade:</b> Ensino Fundamental incompleto. <b>Tempo de residência:</b> 22 anos.</p>			
SIGNIFICADO:	QUALIDADE:	SENTIMENTOS:	METÁFORA:
<p>Este desenho é a realidade atual de uma casa destruída por pessoas que querem lucrar, em consequência de uma ação brutal e egoísta, que se acham donas, sem ter os documentos.</p>	<p>Penso que vamos conseguir reconstruir e voltar à normalidade.</p>	<p>Local terrivelmente feio; destruído; destelhado; desmoronado; horrível; terrível.</p>	<p>A vila é uma comunidade antiga, uma família, porque somos todos amigos.</p>
 <p><b>Estrutura:</b> Cognitiva..</p>		<p><b>SENTIDO:</b></p> <p>Em decorrência das ações egoístas e brutais, orientadas para a demolição da <b>Vila "Comunidade Antiga"</b>, esta tem parecido desagradável, ocasionando, no morador, a sensação de que ela está feia, terrível e desmoronando. No entanto, essa vivência despotencializada <b>contrasta</b> com as relações familiares de amizade entre os moradores, que repercutem em uma <b>estima potencializadora de lugar</b>, que os mobiliza na luta pela reconstrução da comunidade e retomada das boas relações cotidianas.</p>	
<p><b>Imagem:</b> Contrastes (Agradabilidade × Destruição).</p>			

Fonte: Dados da pesquisa.

No Mapa Afetivo de J., observa-se que a atribuição de significado ao seu desenho corresponde a uma percepção de que, assim como apareceu no Mapa Afetivo de Filho, há pessoas na sociedade "que querem lucrar em consequência de uma ação brutal e egoísta, que se acha dono sem ter documentos". Evidencia-se que os moradores buscam apontar, como um dos principais fatores dos problemas da desapropria-

ção, a existência de "pessoas" e/ou "entidades" dispostas a adquirir bens, independentemente das consequências que possam causar a outras pessoas. Tal percepção, dentro da imagem de Contraste, denota a "inclusão e exclusão social, gerida pelas contradições dos agentes de urbanização e de utilização do solo, fruto do modo de produção capitalista, que se renova para destruir" (Bomfim, 2010, p. 212).

De modo geral, a análise dos mapas afetivos indica que, em emergência da ameaça de remoção, afloram novos sentimentos e emoções, como plano de frente, sendo este o modo de compreender e lidar com as adversidades. Isso decorre do fato que, quando se trata da resolução de problemas, por exemplo, a implicação pode voltar-se para o plano de fundo da consciência, uma vez que o objeto de problema ganha foco para a sua resolução (Heller, 2004). No caso dos moradores, afetos despotencializadores de inseguranças, medos e angústias passaram a compor a vivência imediata na comunidade, o que explica a predominância da imagem afetiva de Contraste.

No entanto, as boas vivências, relacionadas à comunidade, permanecem no plano de fundo, sendo este mesmo fundo, o que potencializa as ações de superação dos indicadores despotencializadores. Com efeito, é esse plano de fundo, por representar uma vivência afetiva prolongada dos moradores com a comunidade, com base nos processos de apropriação do espaço (Pol, 1996), de apego ao lugar (Giuliani, 2004) e de identidade de lugar (Proshansky, 1978), que denota maior força em direção a uma estima potencializadora de lugar (Bomfim, 2010), repercutindo em uma postura ativa e engajada, em ações de resistência à desapropriação.

### Considerações finais

Os indicadores, presentes nos mapas afetivos, demonstram que a estima de lugar dos moradores tem orientação potencializadora. Essa estima diminui a sensação de insegurança e contribui para o desenvolvimento de atividades comunitárias, com o intuito de mobilizar os moradores para a organização de movimento de resistência.

Durante o desenvolvimento do estudo, compreendeu-se que, em contexto de desapropriação do espaço, não há apenas impactos negativos nas vidas dos moradores. Muitas vezes, os impactos fazem parte de uma vivência imediata, caracterizada pelo medo, insegurança e receio de que, de fato, ocorra uma desvinculação, tanto física quanto simbólica, na relação pessoa-ambiente. Por outro lado, a mesma vivência pode resgatar aspectos

da vivência comunitária que fortalecem a relação de vizinhança e a vinculação com o espaço.

Nesse sentido, observou-se maior integração entre os moradores, fortalecimento das relações de vizinhança, aumento da percepção de que o entorno atende às necessidades individuais e coletivas, etc. Tais aspectos potencializadores contribuíram para o enfrentamento das situações adversas, por possibilitar que o morador supere a força de padecimento e o sofrimento imobilizantes; e, também, por implicar, valendo-se da potência de ação, desenvolvimento de ações, nas quais os moradores adotam posturas engajadas e participativas.

Por fim, salienta-se a importância do desenvolvimento de pesquisas orientadas pela afetividade, nas relações pessoa-ambiente. Nesse sentido, deve-se compreender que, quando uma ação de (des)apropriação do espaço é planejada, não se deve considerar apenas os aspectos estruturais e jurídicos que envolvem a situação, pois não se trata de uma intervenção direcionada unicamente ao âmbito físico de uma casa, ou a uma delimitação territorial.

A intervenção descontextualizada no espaço, sem levar em consideração as relações comunitárias, a historicidade do lugar e a afetividade dos moradores, pode ocasionar impactos psicossociais, tais como adoecimento, despersonalização e quebra de uma rede de apoio, muitas vezes, indispensável para a sobrevivência das pessoas. Nas casas, há vidas, e essas vidas são marcadas por histórias compartilhadas, identidades individuais e coletivas que, em integração, configuram modos de existência comunitária, pautados em relações de apoio psicossocial importantes para a manutenção do bem-estar singular e social de cada pessoa.

### Referências

- Albuquerque, M. O. (1980). *A história da Vila Cinzenta*. Fortaleza.
- Bardin, L. (1977). *Análise de conteúdo*. Edições 70.
- Bomfim, Z. A. C. (2010). *Cidade e afetividade: Estima e construção de mapas afetivos de Barcelona e São Paulo*. Edições UFC.

- Bomfim, Z. A. C., Delabrida, Z., & Ferreira, K. (2018). Emoções e afetividade ambiental. In S. Cavalcante & G. Elali (Orgs.), *Psicologia ambiental: conceitos para a leitura da relação pessoa-ambiente* (pp. 60-74). Vozes.
- Bomfim, Z. A. C., Feitosa, M. Z. S., Farias, N. F. (2018). Afetividade e lugar como categorias de mediação no Laboratório de Pesquisa em Psicologia Ambiental. In A. F. Lima, I. M. P. Germano, & J. C. Freire (Orgs.), *Sujeito e subjetividades contemporâneas: estudos do programa de pós-graduação em psicologia da UFC* (pp.455-482). Edições UFC.
- Bomfim, Z. A. C., Nobre, B. H. L., Ferreira, T. L. M., Araújo, L. M. A., Feitosa, M. Z. S., Martins, A. K. S., & Farias, N. F. (2014). Affective maps: validating a dialogue between qualitative and quantitative methods. In R. G. Mira & A. Dumitru (Eds.), *Urban sustainability: Innovative spaces, vulnerabilities and opportunities* (pp. 131-147). Institute of Psychosocial Studies and Research.
- Duarte, R. (2017). *Contribuição técnica ao tombamento municipal da Vila Vicentina da Estância, em Fortaleza-CE*. Fortaleza.
- Espinosa, B. (2010). Ética. Autêntica.
- Giuliani, M. V. (2004). O lugar do apego nas relações pessoas-ambiente. In E. T. O. Tassara, E. P. Rabinovich, & M. C. Guedes (Eds.), *Psicologia e ambiente* (pp. 89-1-6). EDUC.
- Gleizer, M. A. (2005). *Espinosa & a afetividade humana*. Zahar.
- Gondim, L. M. de P., & Rocha, A. M. M. (2019). Repertórios de confronto em movimentos sociais urbanos: os casos da "Resistência Vila Vicentina" e do "Quem dera ser um peixe", em Fortaleza-CE. *Revista de Ciências Sociais*, 50(1), 365-407. <http://www.periodicos.ufc.br/revcienso/article/view/31154>
- Heller, A. (2004). *Teoria de los sentimientos*. Editorial Fontamara.
- Instituto de Planejamento de Fortaleza. (2020). *Diagnóstico socioeconômico, histórico-cultural, arquitetônico e fundiário (Zeis Dionísio Torres)*. <https://acervo.fortaleza.ce.gov.br/pesquisa?total=1000&categoria=PLANOS+SETORIAIS&pagina=20>
- Lane, S. (2006). A mediação emocional na constituição do psiquismo humano. In S. T. M. Lane, & B. B. Sawaia (Orgs.), *Novas veredas da psicologia social* (pp. 55-66). Brasiliense.
- McMillan, D. W., & Chavis, D. M. (1986). Sense of community: A definition and theory. *Journal of Community Psychology*, 14(1), 6-23. [https://doi.org/10.1002/1520-6629\(198601\)14:1<6::AID-JCOP2290140103>3.0.CO;2-I](https://doi.org/10.1002/1520-6629(198601)14:1<6::AID-JCOP2290140103>3.0.CO;2-I)
- Moser, G. (1998). Psicologia ambiental. *Estudos de Psicologia (Natal)*, 3(1), 121-130. <https://doi.org/10.1590/S1413-294X1998000100008>
- Pacheco, F. P., Martins, C. M. S. S., & Bomfim, Z. Á. C. (2020). Contribuições da psicologia para a análise de desapropriações de comunidades dos espaços urbano e rural cearenses. *Revista de Psicologia*, 11(2), 132-140. <https://doi.org/10.36517/10.36517/revpsiufc.11.2.2020.14>
- Pol, E. (1996). La apropiación del espacio. In L. Iñigues, & E. Pol (Orgs.), *Cognición, representación y apropiación del espacio* (pp. 45-62). Monografías Sócio/ambientais.
- Pol, E., & Valera, S. (1999). Symbolisme de l'espace public et identité sociale. *Villes en Parallèle*, 28-29, 13-33. [https://www.persee.fr/doc/vilpa\\_0242-2794\\_1999\\_num\\_28\\_1\\_1269](https://www.persee.fr/doc/vilpa_0242-2794_1999_num_28_1_1269)
- Proshansky, H. (1978). The city and self-identity. *Environment and Behavior*, 10(2), 147-169. <https://doi.org/10.1177/0013916578102002>
- Sawaia, B. B. (2009). Psicologia e desigualdade social: uma reflexão sobre liberdade e transformação social. *Psicologia & Sociedade*, 21(3), 364-372. <https://doi.org/10.1590/S0102-71822009000300010>
- Sawaia, B. B. (2011). O sofrimento ético-político como categoria de análise da dialética exclusão/inclusão. In B. B. Sawaia (Org.), *As artimanhas da exclusão: Uma análise ético-psicossocial da desigualdade* (pp. 97-119). Vozes.
- Vygotsky, L. (2001). *Pensamento e linguagem*. Martins Fontes.

---

### Fábio Pinheiro Pacheco

Doutor em Psicologia pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Professor Adjunto do curso de Psicologia da Universidade Estadual do Ceará (UECE). Coordenador do Laboratório de Pesquisas e Intervenções em Psicologia Social e Comunitária (LAPISC/UECE).

---

### Zulmira Áurea Cruz Bomfim

Doutora em Psicologia Social pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP). Professora Titular do departamento de Psicologia da Universidade Federal do Ceará (UFC). Coordenadora do Laboratório de Pesquisas em Psicologia Ambiental (Locus/UFC).

---

### Endereço para correspondência

Fábio Pinheiro Pacheco  
Centro de Humanidades  
Bloco Didático Prof. Ícaro de Sousa Moreira  
Av. da Universidade, 2762  
Benfica, 60020-180  
Fortaleza, CE, Brasil

*Os textos deste artigo foram revisados pela Texto Certo Assessoria Linguística e submetidos para validação dos autores antes da publicação.*